



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

BASQUETE DE RUA, CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Prof^a Ms. Anlessa Cristine Almeida de Jesus (anles.rj@gmail.com)

Prof^a Dr^a Rosa Malena Carvalho (rosamalena@vm.uff.br)

A partir do estudo que identificou a origem e o cenário do basquete de rua na cidade do Rio de Janeiro, entrelaçamos com a discussão de corporeidade. Com base nos registros do diário de campo e das falas dos jogadores, constatamos que é praticado, em sua maioria, nas periferias da cidade, por jovens negros. Aproximamos essa discussão da Educação Física, com o objetivo de contribuir com elementos criativos e críticos para essa prática pedagógica. Nesse processo, são valiosas as contribuições de Carmen Soares, Oliveira Filho, Freitas e Vieira.

Palavras-chave: Basquete de rua. Corporeidade. Educação Física Escolar.

Educação predominante: descorporificada

**Nem tudo o que parece é
Veja com outros olhos porque
As aparências enganam né
Não se deixe enganar
Vê se não vai vacilar**

(Trecho da música “Nem Tudo Que Parece Ser... É!”, de 3D-hip hop)

Carmen Soares (1998), Flávio Pereira (1988), Heloisa Bruhns (1999), dentre outros, ajudam a pensar sobre a inserção, ou negação, de nossas ‘histórias corporais’ na organização da instituição escolar. Apontam três grandes formas de relacionar corpo e movimento no processo ensino-aprendizagem: a) ausência do corpo e do movimento - o corpo passivo, disciplinado, obediente, traça o perfil ideal de aluno e de processo educacional; b) a visão funcionalista (propedêutica) de educação: aqui, a função aceitável de movimento contém a idéia de *prontidão*, principalmente no processo de alfabetização e; c) a educação motora para o esporte – neste sentido, movimento torna-se sinônimo de esporte.

Relembrando nosso processo de escolarização, encontramos dois pensamentos predominando no ambiente escolar: por um lado, a negação do corpo e do movimento – no máximo, com aulas de Educação Física, em locais e horários determinados, e; por outro lado, considera-se importante para um determinado conteúdo do processo ensino-aprendizagem das outras áreas do conhecimento



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

(“racionalis”; “lógicas”), “extravasando” as tensões diárias, “canalizando” energia para a leitura e a escrita.

Concepções restritas de ser humano e processo educacional, pois *descorporifica* o sujeito aprendente, na medida em que não inclui o corpo e o movimento como parte integrante das aulas e/ou, quando os movimentos são *permitidos*, acabam provocando “catarse” através de empurrões, gritaria exacerbada, avidez por todo tipo de expressão - reforçando a idéia do quanto o movimento corporal *atrapalha* o trabalho desenvolvido pela/na escola. O que repercute na forma como o discente aprende a ser docente nas diferentes Licenciaturas: cada um aprende a desconsiderar o próprio corpo, as relações com os demais saberes socialmente construídos e as múltiplas possibilidades de movimentos.

Muitos valorizam o corpo e o movimento, mas somente quando relacionado à coordenação motora, auxilia no processo de alfabetização, evita possíveis *dificuldades*, avalia os prováveis *distúrbios neurológicos*, identifica as *crianças hiperativas*... Nesta linha de pensamento, o não conseguir aprender é diretamente relacionado com a dificuldade do aluno em relação ao controle do seu corpo. Assim, ao ser considerado, o movimento está limitado à perspectiva de *preparar* o sistema nervoso *para* o processo de aprender a ler, escrever e/ou na disciplinarização *necessária* à aprendizagem dos demais conteúdos.

Idéias que reforçam a forma de ser instituídos, em que o corpo é impedimento, obstáculos para aprendizagem. Ou, “aceito” com a função utilitária e propedêutica de ‘preparar para’. Formas de pensar associadas ao campo das *estratégias*, como nos diz Certeau (2002), pois esta perspectiva mantém o predominante, afasta as possibilidades diferentes, reforça os estereótipos, a padronização, nega a imprevisibilidade, valoriza os ‘a priores’, os espaços legitimados pelo poder.

O que também repercute na prática pedagógica encaminhada pela Educação Física, a qual acaba privilegiando conteúdos que reforçam essas idéias e valores – geralmente àqueles relacionados à competição e esportivização.

Ao objetivar romper com a imobilidade como ideal de aluno/a no processo ensino-aprendizagem e, com os gestos, práticas e habilidades consideradas próprias da Educação Física, buscamos identificar *outros* lugares, *outras* formas de constituição, construção corporal – neste processo, procuramos aprofundar e ampliar o conceito sobre corpo, descobrindo as outras possibilidades expressivas e criativas, as não hegemônicas (contra-hegemônicas?), mas que estão presentes em nosso cotidiano.

Ao falar em “autopoiese”, Maturana e Varela (1997) auxiliam nesta trajetória, na medida em que ressignificam o que entendemos por biológico, pois relacionam a estrutura molecular, anatômica, fisiológica - antes vistas isoladamente, apenas do ponto de vista de sua constituição e gênese material - como uma rede de relações, possível de ser interpretada. Neste novo entendimento,



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

ao assumi-lo como manifestação e produção cultural, passamos a falar em *corporeidade*. Assmann (1998) diz que a corporeidade

(...) pretende expressar um conceito pós-dualista do organismo vivo. Tenta superar as polarizações semânticas contrapostas (corpo/alma; matéria/espírito; cérebro/mente) (...) constitui a instância básica de critérios para qualquer discurso pertinente sobre o sujeito e a consciência histórica (op. cit., p. 150.)

Falar em corporeidade, portanto, é buscar fortalecer um *corpo-sujeito* (BRUHNS, 1999), superando o conceito de *corpo-objeto* que tanto estamos acostumados. Mas, fazendo parte de uma sociedade capitalista, como a nossa, as manifestações institucionalizadas revestem nossa corporeidade de características deste sistema: exigência de um máximo rendimento atlético; normas de comparação; princípio de sobrepujar; regulamentação rígida; racionalização dos meios e técnicas: todo um processo de reprodução das desigualdades e hierarquias sociais.

Em outra perspectiva, na construção de sentidos e significados ampliados, percebemos que além de corpos e movimentos simétricos, lineares, submissos, padronizados, estereotipados, existem outras possibilidades nos cotidianos das escolas. Nestes, possivelmente compartilhamos cenas, situações e pequenos projetos que materializam a não subordinação dos sujeitos ao silêncio e a imobilidade - os quais podem auxiliar a compreender como exemplos de criatividade e não conformismo, o que anteriormente só entendíamos como apatia e consentimento. O que

(...) pode contribuir para desnaturalizar a imagem predominantemente estática, particular, fisiológica, “óbvia”, com a qual nos habituamos a caracterizá-lo em todos os instantes e ambientes (incluindo os escolares). (...) Desse modo, os processos educacionais são entendidos como lugares de encontros, com singularidades advindas das experiências de cada um, podendo inserir-se numa política de educação facilitadora de propostas curriculares que consideram as corporeidades dos seus sujeitos, propiciando diálogos entre conhecimentos e potencializando saberes dos cotidianos como integrantes da socialização e aprendizagens das crianças, dos jovens e dos adultos, com necessidades especiais ou não. O que significa mais do que “preparar cidadão”, um exercício de cidadania... (CARVALHO, 2012, p.43)



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Essa problematização traz para o universo da Cultura Corporal (SOARES, 1998)¹, a qual percebe a corporeidade constituída e relacionada com os códigos e significados da sociedade, constituindo-a e sendo por ela constituída, contextualizada no tempo e espaço. Com estes princípios norteamos nossas pesquisas, pois as percepções sobre o corpo estão inseridas em uma prática real das relações sociais (produto coletivo da vida humana) e não uma situação / entidade abstrata.

Nesse processo, o que será que um jogador de rua, quando cria seus movimentos, está falando através do seu corpo? Expressa atitudes e opiniões através das expressões e jogadas?

O Basquete de Rua

(chegou)
O bonde do basquete
Que mistura com o rap e vai mudando o clima
Né não né não desse jeito não
Não dá pra desistir e não subir no garrafão
Bate a bola no chão
Deixa o rival do lado do avesso
Mostrando competência na hora do arremesso
E se der aro
Subo no rebote, mas não paro
Basqueteiro que é ligeiro sente o jogo pelo faro

(Trecho da música “Hino da Libbra”, de Mv Bill)

Quando se fala em basquete de rua, grande parte das pessoas logo pensa em espetáculo, em jogadas plásticas e inimagináveis ao corpo humano. Porém, ao considerarmos a discussão de corporeidade anteriormente levantada, quando se assiste basquete de rua, também se vê a expressão corporal do jogador, a expressão das atitudes através de gestos, de manobras, da habilidade demonstrada em quadra.

Para entendermos melhor o que significa o basquete de rua, necessário se faz pensar em sua trajetória histórica e seu antecessor – o basquete de quadra. Segundo Freitas e Vieira (2006), o basquete surgiu em 1891, em Massachusetts, Estados Unidos da América. Em 1936, foi incluído nos Jogos Olímpicos de Verão, quando obteve grande aceitação, passando a ser um dos esportes mais assistidos durante os Jogos. Nos Estados Unidos, o esporte se popularizou rapidamente, ganhando adeptos em todos os estados e atualmente conta com duas ligas profissionais, a National Basketball

¹ Sob o paradigma da Cultura Corporal, relacionamos o corpo e suas expressões com as realidades vividas, criadas, desenvolvidas por homens e mulheres.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Association Development League (NBDL) e a National Basketball Association (NBA), além das universitárias. Na atualidade, ao lado do basquete profissional, o streetball se mundializou e é praticado nas ruas e praças, com algumas características distintas do basquete convencional. No Brasil, consagrou-se como basquete de rua.

Parte das jogadas de efeito no basquete de rua provém dos *Harlem Globetrotters*. O primeiro time foi formado em 1927, por Abe Saperstein, proprietário do salão de dança Savoy Ballroom, no Harlem. Ele criou o time de basquete para, após as apresentações de música, continuar ganhando dinheiro e distraindo o público. Após alguns anos, os atletas saíram em turnê pelos Estados Unidos, fazendo apresentações de basquete. Até hoje, seus sucessores percorrem o mundo com apresentações de basquete-espetáculo², explorando e aperfeiçoando suas habilidades, dando ênfase às jogadas de efeito, estilizadas, para atrair a atenção do público.

Os jogadores de basquete de rua, nos Estados Unidos são chamados de *ballers*, sendo associados a artistas habilidosos pelo que fazem com a bola nas mãos. E para serem chamados de *artistas*, precisam demonstrar habilidades que justifiquem o adjetivo: as habilidades são marcadas pelas *manobras*, denominação atribuída aos jogadores americanos e reproduzida também aos jogadores brasileiros em quadra, empolgando as torcidas e estimulando o marcador adversário a retribuir na próxima jogada, acirrando a disputa pela habilidade entre os jogadores adversários. Segundo Silva e Correia (2008) os jogadores de *playgrounds* incorporaram a linguagem corporal dos *Harlem Globetrotters* e criaram uma série de movimentos típicos do jogo, inimagináveis antes deles.

Já Oliveira Filho (2006), destaca que o *streetball* emergiu nas praças e ruas dos bairros da periferia das grandes cidades americanas, sempre jogado ao som do *hip hop*. É associado à cultura urbana nascida nas ruas dos bairros pobres nos Estados Unidos da América (EUA) na década de 70 em decorrência da exclusão social da população americana de baixa renda.

O termo "*Streetball*", traduzido para o Português significa "jogo de bola na rua" ou "bola na rua" e é conhecido como basquete de rua. Jogado nas praças, é um basquete típico, diferenciado por um importante detalhe: as manobras. O basquete de rua tem por característica os movimentos, que se tornam mais importantes do que a marcação da própria cesta. São mais valorizados o estilo, a habilidade e a criatividade do jogador do que a altura para o jogo e a marcação da cesta, pois as jogadas de efeito são o ponto alto do esporte, com o uso de recursos para "desconsertar" o adversário. A modalidade dá ao jogador a liberdade de criar e improvisar jogadas espetaculares e pode ser jogado com diferentes formações como: 1x1, 3x3 ou 4x4. Diferentemente do basquete tradicional, é jogado apenas em meia quadra, tendo apenas uma tabela (OLIVEIRA FILHO, 2006).

A modalidade utiliza como referência as regras oficiais do basquete convencional, mas não possui regras com relação a especificações técnicas. No entanto, é obrigação simbólica desenvolver jogadas que provoquem a reação da torcida. Com exceção da tabela e do aro, que utiliza o tamanho normal exigido no basquetebol de

² Disponível em: <<http://www.harlemglobetrotters.com/history/timeline/>>. Acesso em 20/04/2011.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

quadra pela FIBA, a quadra não possui um tamanho específico. Como geralmente é praticado em quadras de praças, que normalmente possuem tamanhos inferiores às quadras oficiais de basquete, somente quando praticado em 4x4 utiliza-se a quadra inteira, devido ao número maior de participantes. Mas, geralmente é jogado em meia quadra, encurtando o espaço entre os jogadores, objetivando facilitar a marcação individual e o desenvolvimento das jogadas individuais – o que favorece afirmar que a liberdade para criação é uma das características do basquete de rua, o que pode contribuir para a expressão da corporeidade do indivíduo. Ali naquele momento e seguro da sua habilidade, o jogador também expressa seus sentimentos através de suas jogadas.

Mesmo não visando a finalidade apenas da cesta, há marcação de tempo e pontuação. Com relação ao tempo, fica acordado pelos jogadores que organizam a partida quanto deve durar o jogo. Caso os times não cheguem à pontuação máxima, no *streetball*, o time que alcançar a marca de 21 pontos sai vencedor da partida. O que nem sempre pode se caracterizar como vencedor “moral” da partida, já que as jogadas de efeito são as mais apreciadas pela própria torcida, podendo ocorrer que time vencedor na marcação pontual, saia como perdedor julgado pelo clamor da torcida.

Apesar da popularidade do *streetball*, é raro os jogadores que tenham se destacado pelas suas habilidades demonstradas nas ruas ter conseguido uma chance ou até mesmo a ascensão no basquete convencional. Os mais famosos: Allen Iverson e o lendário Michael Jordan, saíram das praças de ruas cidades e foram ídolos em seus clubes e na seleção americana de basquete.

Por tudo isso, levantamos a hipótese de que a irreverência, a liberdade e a criação proporcionada pelo basquete de rua pouco dialoga com a prática esportivizada do basquete de quadra... Junto com isso, são diferentes espaços para o jogador expressar sua identidade social.

O basquete de rua e novas corporeidades – algumas considerações para a organização da Educação Física Escolar

Eu quero aproveitar o sol
Encontrar os camaradas prum basquetebol
Não pega nada
Estou à 1 hora da minha quebrada
Logo mais, quero ver todos em paz
Um dois três carros na calçada
Feliz e agitada toda "prayboyzada"
As garagens abertas eles lavam os carros
Desperdiçam a água, eles fazem a festa (...)
Automaticamente eu imagino
A molecada lá da área como é que tá



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Provavelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola descalços nas ruas de terra
É, brincam do jeito que dá

(Trecho da música “Fim de Semana no Parque”, dos Racionais Mc's)

Pelo anteriormente exposto, podemos dizer que o basquete de rua caracteriza-se por firmar um espaço lúdico, aberto à livre expressão e ao desenvolvimento da criatividade. Em oposição ao basquete tradicional como lugar da disciplina, em que o aprimoramento da técnica coíbe o desenvolvimento da criatividade dos praticantes. No basquete centrado nas competências para inovar, predomina a arte. Nesse caso, fazer a cesta não é o objetivo principal, porque na sofisticação do gesto se cumpre o interesse dos jogadores. A meta está na criação e não na utilidade da criação (JESUS, 2012).

Será que podemos associar a maioria das escolas com o basquete tradicional? Com seu papel centralizador e controlador dos alunos, onde assim como no basquete tradicional (ou de quadra) apenas o sucesso dos alunos através de uma educação controladora e rígida são valorizados. A criatividade, a livre expressão e a valorização do aluno como mente, corpo e desejos pessoais não são apreciados.

Aproximar a discussão de corporeidade com o basquete de rua, na escola, é pensar na expressão corporal dos alunos. É apresentar uma nova forma de descoberta do corpo, da habilidade e da expressão. Além de ensinar uma modalidade diferente, o professor também ensina o próprio basquete de forma lúdica, estimulando a busca pela atitude e pelo conhecimento do corpo.

O basquete de rua apresenta diversas marcas existentes nas discussões relacionadas à corporeidade: a discriminação pela cor da pele, pois a modalidade é praticada, em sua maioria, por negros residentes das periferias da cidade. A vestimenta - segundo Jesus (2012), os participantes tendem a associar o basquete de rua a um local onde a vestimenta é simples e nem sempre de boa qualidade, enquanto no de quadra predominam as roupas de boa qualidade.

Outra marca da corporeidade é o gênero, pois se trata de um jogo com predomínio masculino. Algumas características da prática, como a força física, a qual se materializa nos contatos físicos e, a relação das mulheres com os espaços públicos são possíveis explicações para essa marca.

Considerando a escola como espaço de práticas sociais, onde alguns indivíduos (professores e alunos) passam a maior parte de sua vida, podemos dizer que o basquete de rua auxilia no papel socializador, pois promove rodadas de encontro aos fins de semana para a prática da modalidade, a qual geralmente é acompanhada por música e grafite. O que nos leva a destacar o “clima de festa” que acompanham as rodadas.

Acreditamos, assim, que nas escolas pode predominar uma educação ampla, aonde a Educação Física Escolar seja caracterizada pela mente e o corpo formando uma coisa só. Desta forma, ao incluir o basquete de rua, estaremos promovendo novas



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

experiências corporais, possibilitando o indivíduo se permitir e experimentar novas expressões corporais.

Assim, a noção de corporeidade (com suas múltiplas possibilidades de ação no mundo) contribui para que possamos lançar novos olhares sobre a construção do sujeito, em seus diferentes processos de ensino e de aprendizagem.

Referências:

ASSMANN, Hugo. Reencantar a Educação – rumo à sociedade aprendente. **Petrópolis: Vozes, 1998.**

BRUHNS, Heloisa. O Corpo Parceiro e o Corpo Adversário. **Campinas: Papyrus, 1999.**

CARVALHO, Rosa Malena. **Corporeidade e Cotidianidade na Formação de Professores.** Niterói: Editora da UFF, 2012.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. **Petrópolis: Vozes, 2002.**

FREITAS, Armando & VIEIRA, Silva. **O que é basquete: história, regras, curiosidades.** 1ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Casa da Palavra, 2006.

JESUS, Anlessa. C. A. **Trajatória e estado da arte do basquete de rua no rio de janeiro.** 2012. 70 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – PPGEF, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2012.

MATURANA, Humberto & Varela, Francisco. De Máquinas e Seres Vivos: Auto-poiese – a organização do vivo. **3ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.**

MATURANA, Humberto. Emoções e Linguagem na Educação e na Política. **Minas Gerais: Editora da UFMG, 2001.**

OLIVEIRA FILHO, Asfilófilo. **História do Streetball.** Rio de Janeiro, Dezembro – 2006. Disponível em:
http://www.lub.org.br/pages/streetball/historia_do_streetball/images/Historia_Streetball_dez_15-Revisao_1.pdf. Acesso em: 04/2009.

PEREIRA, Flávio. Dialética da Cultura Física. **São Paulo: Ícone, 1988.**

SILVA, Carlos. A. F. & CORREIA, Adriana. M. **Espetáculo e reflexividade: a dimensão estética do basquete de rua.** Campinas, SP: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 30, n. 1, p. 107-122, set. 2008.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

SOARES, Carmen et all. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.